

Da tradição profética à esperança

Uma homenagem a Nelson Kilpp

Sônia Gomes Mota e Maribel R. Lindenau

—❧— (Organizadoras) —❧—



Palavra Bordada

Da tradição profética à esperança

Uma homenagem a Nelson Kilpp

Sônia Gomes Mota e Maribel R. Lindenau

—❖— (Organização) —❖—



Palavra Bordada

Porto Alegre, 2019

© das autoras e dos autores
Direitos de publicação da Palavra Bordada



www.palavrabordada.com.br
contato@palavrabordada.com.br

ORGANIZAÇÃO

Sônia Gomes Mota
Maribel R. Lindenau

COORDENAÇÃO EDITORIAL E EDIÇÃO

Maribel R. Lindenau

TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS EM HEBRAICO

J. R. Cristofani

ILUSTRAÇÕES

José De Quadros

REVISÃO

Carolina Rocha

CAPA

Camila Provenzi

(imagem adaptada de freepik.com)

DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Da tradição profética à esperança: uma homenagem a Nelson Kilpp / organizado por Sônia Gomes Mota e Maribel R. Lindenau. — Porto Alegre: Palavra Bordada, 2019.

268 p.

ISBN: 978-85-69705-10-9

1. Bíblia - Comentários 2. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. I. Mota, Sônia Gomes II. Lindenau, Maribel R.

19-1463

CDD 220.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia - Comentários

Sumário

Apresentação

Sônia Gomes Mota 11

As parteiras Sifrá e Puá:

Memória, Desobediência, Resistência, Libertação

Claudete Beise Ulrich 15

Comida, bebida e alegria no Deuteronômio:

Homenagem a Nelson nos seus sete vezes dez anos de idade

Pedro Kramer 27

Exodus Design e a estrutura dos Cânticos das Subidas

(Salmos 120-134)

***José Roberto Cristofani* 49**

Alegria, esperança, foco na realidade:

O que já poderíamos ter aprendido há 2000 anos!

Erica Luisa Ziegler 73

Uma confissão de Jeremias

Flávio Schmitt 83

“Buscai o bem da cidade!” (Jr 29,4ss)	
<i>Werner H. Schmidt</i>	113
A Espiritualidade da Nova Aliança em Jeremias 31	
<i>Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero</i>	123
“Uma voz que clama no deserto”: Fé na ousadia de Deus - Mc 1,1-8	
<i>Odete Liber de Almeida Adriano</i>	135
Sabotagem de pessoas pobres	
<i>Edmilson Schinelo</i>	147
Jesus Cristo, o paradigma da fé perseverante: Um estudo de Hb 12,1-3	
<i>José Adriano Filho</i>	169
Apocalipse – “pavor apocalíptico” ou cuidado de Deus? Uma prédica sobre Apocalipse 5.11-14	
<i>Rudolf von Sinner</i>	185
Una aproximación a la experiencia religiosa desde la Neuroteología	
<i>Patrícia Pizzorno</i>	197
Filhos da Terra: a experiência da CESE e os direitos dos povos indígenas	
<i>Cláudio Márcio Rebouças da Silva</i>	217
Uma crise chamada Brasil e o silenciamento das profecias	
<i>Romi Márcia Bencke</i>	241

Colega nos estudos e nas artes	
<i>Walter O. Schlupp</i>	253
Reminiscências	
<i>Raquel Ângela Kilpp</i>	263
Sobre Nelson Kilpp	267

תהלים

Salmos

Exodus Design e a estrutura dos Cânticos das Subidas

(Salmos 120-134)¹

Para meu querido Professor e amigo
Dr. Nelson Kilpp por ocasião do seu 70º Aniversário.

A expressão *Exodus Design* é utilizada neste artigo para designar o processo de pensamento que modelou a forma final da coleção dos Salmos 120 a 134, conhecida como Cânticos das Subidas². *Exodus Design* serve ao propósito de

¹ José Roberto Cristofani, Teólogo e Educador, Pastor Presbiteriano. Fui orientado em meus trabalhos de Mestrado e Doutorado em Antigo Testamento na Faculdades EST pelo meu querido professor Nelson Kilpp, a quem devoto gratidão e admiração.

² Adoto a designação “Cânticos das Subidas” (com a Bíblia de Jerusalém, TNM e TEB), não apenas porque me parece a melhor tradução de *Shir Hamalaot*, mas por uma questão de coerência com a proposta deste texto no qual trato do movimento dos fiéis que saem de um estado de opressão, sofrimento ou adversidade em direção a um estado de bem-estar. Algumas outras possibilidades de tradução de *Shir Hamalaot* são: “Cânticos de Romagem” (Almeida e Atualizada); “Cânticos dos Degraus” (Almeida Corrigida, Tradução Brasileira); “Cânticos das Peregrinações” (Nova Bíblia dos Capuchinhos); “Canção de

revelar como essa coleção de salmos foi organizada em uma estrutura literária coerente em seu escopo e didática em seu propósito, tendo por base as narrativas do Êxodo.

O termo *Exodus*, do binômio proposto, faz referência à chamada “Tradição do Êxodo” e abarca as primeiras formulações desta tradição, não no sentido cronológico, mas em sua apresentação canônica, que tem seus inícios no livro do Êxodo e se espalha, espacial e temporalmente, por todo o Primeiro Testamento. *Exodus* engloba, também, todos os desdobramentos dessa tradição que se reconhece, desde há muito, como o principal tema teológico do Primeiro Testamento. Nas palavras de Croatto,

Impõe-se partir da experiência histórica e religiosa do Êxodo como o primeiro “foco” querigmático de uma teologia da libertação. Efetivamente, é o acontecimento arquétipo e formador da consciência espiritual de Israel. A ideia de Deus e da salvação que ali se plasma é vertebral e dá coesão a todas as tradições religiosas. [do AT, certamente].³

Peregrinos” (NTLH) e “Uma canção que foi proferida nas subidas do abismo” (Targum dos Salmos – tradução de Edward M. Cook, 2001). Uma detalhada discussão sobre o assunto pode ser encontrada em GOULDER, Michael Douglas. *The Psalms of the Return (Book V, Psalms 107-150): Studies in the Psalter, IV. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 258*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.

³ CROATTO, José Severino. “Liberación” y Libertad: Reflexiones hermenéuticas en torno al Antiguo Testamento. *Revista Bíblica*, V. 33, nº 1, 1971, p. 4.

Por isso, quando utilizo o termo *Exodus* neste trabalho, não me refiro apenas ao livro, mas ao evento e todas as releituras dele advindas, as quais se podem encontrar no Primeiro e Segundo Testamentos. “Como é bem-sabido, esse hábito de considerar o êxodo como um protótipo, como um molde no qual outras histórias de resgate da ruína podem ser modeladas, remonta à própria Bíblia.”⁴

Na América Latina, de modo especial, a tradição do Êxodo moldou uma das mais inovadoras e consistentes teologias das décadas de sessenta e setenta, a Teologia da Libertação⁵. O paradigma⁶ do Êxodo, expresso no binômio opressão-libertação, com sua narrativa da opressão egípcia e da libertação por intervenção de Javé, passando pelo deserto rumo a uma terra que mana leite e mel, caiu como uma luva, de boxe obviamente, para iluminar os caminhos das lutas políticas e sociais no Continente.

Por isso, *Exodus* é mais que um livro ou evento, é uma tradição, que foi relida, reelaborada e aplicada às novas situações que, de

⁴ DAUBE, David. *The Exodus Pattern in the Bible*. London: Faber & Faber, 1963, p. 11.

⁵ Para uma visão geral das diversas “Teologias” da Libertação, análises e críticas veja: ROWLAND, Christopher (Ed.) *The Cambridge Companion to Liberation Theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

⁶ Pode-se falar, com exatidão, de uma “Hermenêutica da Libertação”. Veja a obra de BOTTA, Alejandro F.; ANDIÑACH, Pablo R. (Eds.) *The Bible and the Hermeneutics of Liberation*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009.

alguma forma, se assemelhavam ao evento fundante da tradição. O Êxodo é um paradigma que modelou e deu contorno para muitas narrativas de opressão e libertação. Isaías 40-55 é, talvez, o exemplar mais evidente do uso de tal paradigma. O Êxodo é, também, um *script*, isto é, um roteiro narrativo que se espraiou em muitas versões por toda a Bíblia Hebraica, como por exemplo, em Josué 24.2-7,17 e Deuteronômio 26.5b-9. O Êxodo serviu, ainda, de moldura a outros textos bíblicos, como se pode ver na abertura do Decálogo, em Êxodo 20, e em diversas outras leis do Primeiro Testamento, a exemplo de Levítico 25.38 e 42 (Lei a favor dos pobres e escravos). Pode-se dizer, enfim, que o Êxodo forneceu um conceito, um tema, uma estrutura (*framework*), um *design*, uma terminologia (léxico), uma memória⁷, um imaginário etc., que povoa toda a Bíblia.

O termo *Design*, por sua vez, usado aqui como substantivo⁸ e como verbo, principalmente, diz respeito ao processo de pensamento que permite criar, modelar, projetar uma entidade literária

⁷ HENDEL, Ronald. *The Exodus in Biblical Memory. Journal of Biblical Literature*, V. 120, Nº 4, 2001, p. 601-622.

⁸ Normalmente se usa *design* como um substantivo, por exemplo, ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *The literary guide to the Bible*. Cambridge: Harvard University Press, 1990: “*design concêntrico*” (p. 39); “*design formal*” (p. 40), “*mostra um design ABXB’A*” (p. 51); “*design do livro como um todo*” (p. 194); “*design formal da poesia*” (p. 261, nota 2), referindo-se ao produto acabado. Como verbo, *design* se refere a um processo de criação de uma entidade, neste contexto, literária.

no caso da coleção de salmos sob análise. Tal definição de *design* eu tomo de William R. Miller⁹.

Nos estudos bíblicos a palavra *design*, em geral, serve de complemento para o vocábulo “literário”, formando a expressão “*design* literário”¹⁰, que frequentemente se refere a uma estrutura literária específica de um livro bíblico ou às divisões e unidades dentro dele. Stibbe, por exemplo, aplica o termo “*design* literário” à estrutura quiástica de João 2.1 a 4.54.¹¹ Na mesma linha de pensamento e adicionando maiores detalhes, William P. Brown escreve:

A interpretação teológica começa, assim como a maioria das abordagens interpretativas, com cuidadoso

⁹ MILLER, William R. Geo-Spatial Design, 2008. In: *Specialist Meeting on Spatial Concepts in GIS and Design*, December 15-16, 2008. “Design is the thought process comprising the creation of an entity”, p. 13.

¹⁰ CULPEPPER, R. Alan. *The Anatomy of the Fourth Gospel: A Study in Literary Design*. Philadelphia: Fortress, 1983, parece ter sido o pioneiro nesta área de estudos.

¹¹ STIBBE, Mark. Magnificent but Flawed: The Breaking of form in the fourth Gospel. In: THATCHER, Tom; MOORE, Stephen D. (Eds.) *Anatomies of Narrative Criticism: The Past, Present, and Futures of the fourth Gospel as Literature*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008, p. 151-152. Na página 168 literalmente se lê “*structure or design*”. WEREN, Wilhelmus Johannes Cornelis. *Studies in Matthew’s Gospel: literary design, intertextuality, and social setting*. Leiden: Brill, 2014, utiliza a expressão “Literary design” como sinônimo de “intertextualidade”, e diz que “*Isto significa que o foco aqui recai sobre as relações ‘dentro’ do texto.*”, p. 3.

trabalho exegético. [...] Além disso, discernir o *design* do texto, incluindo seus limites, forma e gênero, também é essencial. Tal análise ajuda a determinar como o texto é colocado junto, como suas várias partes são organizadas ou arrançadas de tal maneira que a comunicação é alcançada através, por exemplo, de padrões convencionais de retórica, recursos literários e estrutura geral ou movimento.¹²

Para Stephen Bertman, *design* literário é a arquitetura de um texto, de como ele é organizado em uma estrutura perceptível ao leitor e como isso facilita a memorização e o aprendizado. Bertman pergunta pela razão deste procedimento literário e responde:

A razão para o estilo dessa arquitetura é difícil de determinar; a motivação para tal composição pode muito bem ser semelhante àquela que produziu o paralelismo da poesia hebraica. Possivelmente, é o resultado de uma disposição psicológica, um modo de conceber as coisas que afeta a forma da obra criada, uma disposição em virtude da qual as coisas não são pensadas separadamente, mas juntas, não isoladamente, mas numa relação equilibrada; ou possivelmente é o resultado de uma preferência estética

¹² BROWN, William P. Theological Interpretation: A Proposal. In: LEMON, Joel M.; RICHARDS, Kent Harold. *Method Matters: Essays on the Interpretation of the Hebrew Bible in honor of David L. Petersen*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009, p. 389. À página 393 o tópico “*Design*” do Salmo 95 se refere à estrutura deste poema.

que encontra um arranjo do material, aqui envolvendo repetição, mais agradável ou satisfatório que outro.¹³

Destaco, nas palavras deste autor, a possibilidade de um determinado *design* literário fazer parte de um modo de pensar e arranjar um texto, entidade na definição que adotei acima, que, mesmo que seja uma determinada preferência estética que faça parte de um *stock* cultural e literário, atribuí ao transmissor, que no caso posso chamar de *designer*, a criação de um padrão, modelo ou *design* próprios.

Exodus Design, portanto, é um processo de pensamento literário que modela, de modo criativo e inovador, a organização ou estrutura de textos dentro de um livro ou de uma divisão menor dentro dele, como é o caso aqui dos Salmos das Subidas.

Do que se trata, afinal, o *Exodus Design* na prática?

Da vasta influência do Êxodo no Primeiro Testamento, a mais significativa, para minha proposta de estruturação da coleção dos Cânticos das Subidas é, sem dúvida, o que eu denomino de *Exodus Design*.

¹³ BERTMAN, Stephen. Symmetrical Design in the Book of Ruth. *Journal of Biblical Literature*, V. 84, No. 2 (Jun. 1965), p. 168.

Como já defini, *design* é um processo de pensamento que direciona um *designer*, de um modo peculiar, a organizar poemas que originalmente estavam separados e que, como entidades literárias individuais, possuíam significados particulares, em uma coleção estruturada de tal maneira que empresta novos significados a esses salmos, mesmo levando em conta os sentidos próprios de cada canção.

Este novo arranjo destes quinze salmos sob consideração revela o *Exodus Design*, que consiste no percurso tripartite do Êxodo, podendo ser resumido assim: Egito – Deserto – Terra Prometida. Ao Egito equivale toda forma de opressão, sofrimento, adversidade, humilhação, angústia, solidão, perseguição etc., que gera clamor por libertação, súplica por livramento e pedido de socorro. Em suma, uma busca pela face de Deus. Ao deserto corresponde um estado transitório de travessia para outro estágio, travessia permeada de ameaças, perigos, vulnerabilidades, medos, enfrentamentos com inimigos etc., e também pleno de aprendizagem, purificação, direção e preparo e, obviamente, do desfrute da companhia do Senhor, que é, afinal, o condutor dos fiéis através dessa transição. À Terra Prometida coincide um estado de liberdade, bem-estar, segurança, comunidade, prosperidade etc., no qual os libertos gozam da vida comunitária e da presença de Javé, que os abençoa com toda sorte de bênçãos. Em resumo, o Êxodo pode ser visto como um movimento ou percurso de saída de uma situação de sofrimento (opressão no Egito), seguida da travessia

em meio a perigos e ameaças (Deserto) e a chegada, enfim, a um lugar de prosperidade¹⁴ (Terra Prometida).

Exodus Design nos Salmos 120 a 134

O *Exodus Design* (Egito – Deserto – Terra Prometida), nos moldes expostos acima, pode ser visto no todo da coleção dos Salmos das Subidas. A estrutura da coleção de poemas é elaborada em cinco blocos, cada um composto de uma tríade de salmos. O primeiro bloco se constitui dos Salmos 120, 121 e 122. O segundo grupo abarca os Salmos 123, 124 e 125. A terceira série abrange os Salmos 126, 127 e 128. O quarto combo incorpora os Salmos 129, 130 e 131. E, finalmente, o quinto agrupamento inclui os Salmos 132, 133 e 134.

Valendo-me do que já se tem afirmado na pesquisa sobre os Cânticos das Subidas, de que o Salmo 127, atribuído a Salomão¹⁵,

¹⁴ Prosperidade, aqui, traduz o hebraico *Shalom*. “Esta palavra e seus derivados [...] pertencem à raiz *shalem*, que quer dizer ‘estar são, íntegro, completo’. Portanto, a paz é um sentimento de plenitude, de consumação e harmonia, baseado no bem-estar integral da pessoa ou do povo.” PRÉVOST, Jean-Pierre. *Diccionario de los Salmos*, (Cuadernos Bíblicos 91), Estella: Editorial Verbo Divino, 1991, p. 42.

¹⁵ A atribuição deste salmo a Salomão é muito significativa por causa das memórias ligadas ao grande construtor, que multiplicou edificações de toda sorte, que, por fim, se revelaram completamente inúteis, pois que oprimiram o povo que

ocupa uma posição central no conjunto, o *Exodus Design* na coleção pode ser visto da seguinte forma: A terceira série, que tem o Salmo 127 no centro, é rodeada, por um lado, visto do centro para a esquerda, pela tríade dos Salmos 125, 124 e 123 e, depois, pelos Salmos 122, 121 e 120. Por outro lado, visto do centro para a direita, a terceira série é contornada pelos Salmos 129, 130 e 131 e, por fim, pelos Salmos 132, 133 e 134.

Visualmente fica assim:

120-121-122	123-124-125	126-127-128	129-130-131	132-133-134
1ª Tríade	2ª Tríade	3ª Tríade	4ª Tríade	5ª Tríade

Exodus Design

na primeira tríade – Salmos 120, 121 e 122

Abrindo a coleção, o Salmo 120 apresenta um peregrino (*ger* – “estrangeiro residente”) em uma situação de opressão (aflição). Longe de sua terra, este fiel convive com pessoas que odeiam a paz (v.6b) e que teimam pela guerra, mesmo quando o salmista é pela paz (v.7). A situação é tão grave que já não é mais possível um convívio pacífico, de forma que o clamor do orante é para

pagou alto preço por essas atividades de Salomão. Portanto, atribuir-lhe a autoria desta canção pode ser visto como uma crítica ao filho de Davi.

que o Senhor o livre dessa situação. O clamor do peregrino em terra estranha chega aos ouvidos de Javé, que responde com livramento (v.1). O Salmo 120 remete, sem dúvida, a uma memória de libertação ancorada em Êxodo 3.7-8.¹⁶

O Salmo 121 põe o liberto a caminho. As alusões à caminhada no deserto, como trajeto necessário para a Terra Prometida, são encontradas no verso 6 onde se lê: “De dia o sol não te ferirá, nem a lua de noite”¹⁷, alusões tais que não permitem a um israelita deixar de lembrar da coluna de nuvem, durante o dia e da coluna de fogo, durante a noite (Êxodo 13.21).¹⁸ A menção de Javé como “sombra” de proteção também merece destaque.¹⁹

¹⁶ Não se discute aqui o percurso das tradições, nem o grau de modificação que elas sofreram ao longo do seu desenvolvimento, nem tampouco o modo como os redatores desses Salmos as utilizaram. Para isso veja-se: EMANUEL, David. *The Psalmists' Use of the Exodus Motif - A Close Reading and Intertextual Analysis of Selected Exodus Psalms* (Thesis Submitted for the Degree Doctor of Philosophy Hebrew University), December, 2007.

¹⁷ É provável que uma leitura diversa deste salmo pode apontar para os montes como a morada dos deuses que, no caso, são o sol e a lua, como se pode ler em 2Rs 23.4-5 (conferir o interdito em Dt 4.19 que proíbe adorá-los).

¹⁸ Is 4.5-6 menciona “nuvem” (para o dia) e “fogo” (para a noite) como forma (sombra) de proteção.

¹⁹ Ainda mais significativo para a compreensão desta alusão à sombra protetora é o texto de Is 25.4-5 que diz que Javé é sombra a proteger os pobres e necessitados na sua angústia do calor do bufo dos tiranos “Porque foste a fortaleza do pobre e a fortaleza do necessitado na sua angústia; refúgio contra

Proteção expressa pela repetição insistente (seis vezes nesta canção!) do termo “guardar”, somada ao termo “socorro”. Um realce deve ser dado à sequência das palavras “tua saída e tua entrada” (v.8), que parece sugerir este movimento de saída de um estado de opressão em direção a um estado de prosperidade. Neste salmo o orante aprende sobre proteção e socorro. A travessia, apesar dos perigos, não deve causar medo, mas segurança, pois o Senhor é socorro bem presente na tribulação, para usar as palavras do Salmo 46.1.

O Salmo 122 fecha o primeiro ciclo opressão/livramento-travessia-prosperidade ao colocar o salmista em Jerusalém, mais especificamente entre irmãos (vv. 1 e 8) no Templo do Senhor. Ali o peregrino se alegra, encontra paz, prosperidade, justiça, identidade. Na comunidade de fé ele se sente “amarrado” (v.3) às tribos do Senhor, aos ancestrais, portanto.

A sequência dos Salmos 120, 121 e 122 revela de forma vívida o *Exodus Design* (opressão/livramento-travessia-prosperidade), que remete a um imaginário ou a uma memória, que guarda nitidamente o esquema tripartite dos eventos do Êxodo.

a tempestade e sombra contra o calor; porque dos tiranos o bufo é como a tempestade contra o muro, como o calor em lugar seco. Tu abaterás o ímpeto dos estranhos; como se abranda o calor pela sombra da espessa nuvem, assim o hino triunfal dos tiranos será aniquilado” (ARA).

Exodus Design

na segunda tríade - Salmos 123, 124 e 125

O mesmo percurso do *Exodus Design* (opressão/livramento-travessia-prosperidade) pode ser visto na tríade formada pelos Salmos 123, 124 e 125. No início do Salmo 123 o fiel encontra-se buscando a Javé. A linguagem de servo/senhor e serva/senhora, no verso 2, indica, de imediato, se não uma situação de escravidão, ao menos algo similar em suas consequências, tal como o sofrimento, por exemplo, situação essa confirmada pelas expressões “fartos/empanturrados de desprezo” (vv.3 e 4) e pela referência aos algozes descritos com as palavras “arrogantes e soberbos”. O salmista espera o favor do Senhor (v.2d) e por ele clama intensamente “Mostra-nos favor, ó Javé, mostra-nos favor.” (v. 3a). O final abrupto do poema sem a aparente intervenção de Javé foi, provavelmente, um artifício propício à ligação com o salmo seguinte.

O Salmo 124, quase ato contínuo, mostra como o Senhor livrou os orantes das ameaças dos inimigos. Assim o mostra a frase “Se não fosse Javé que esteve ao nosso lado”, quando da investida dos poderosos que se levantaram para atacar Israel. A figura das águas submergindo e arrastando pessoas pode evocar tanto a experiência do Mar dos Juncos (Êxodo 14.26-31), no qual os egípcios submergiram e pereceram, como as águas ameaçadoras dos rios da Babilônia, que para os escravos sempre foram um

perigo real, ou uma outra experiência de êxodo vivenciada por Israel ou parte dele. Em qualquer dos casos, é clara a conexão com uma saída de um estado de opressão. Outra figura sublinha essa percepção: é a menção das armadilhas e dos laços dos enlaçadores que foram rompidos e destruídos. O Salmo 124 termina com uma expressão que o liga ao Salmo 121.2: “Nossa ajuda está em o nome do Senhor. Aquele que fez o céu e a terra”.

O Salmo 125 é a chegada do fiel ao lugar de segurança, o Monte Sião, morada de Javé. O tom é de confiança “Os que confiam no Senhor” (v. 1) e de proteção, pois Javé está ao redor do seu povo, assim como os montes de Sião ao redor de Jerusalém. A proteção é contra os iníquos e suas iniquidades. O Senhor faz bem aos retos e aos bons (v. 4), enquanto os que se desviam do caminho reto são despedidos. O poema termina com uma nota que aparece no final do Salmo 122 também: “Haja paz sobre Israel.”

Exodus Design

na terceira triáde - Salmos 126, 127 e 128

Um novo ciclo recomeça com o Salmo 126 e repete o padrão do *Exodus Design* (opressão/livramento-travessia-prosperidade). O tema central desta canção é o retorno dos exilados de Sião. “Quando o Senhor trouxe de volta os cativos” (v. 1) é a memória de um grupo resgatado de entre as nações pela intervenção de Javé, uma memória de alegria e júbilo pelos grandes feitos do

Senhor em favor deles. Esta narrativa de libertação passada é o fundamento para a súplica que se segue no verso 4: “Restaura, Senhor, os cativos!” A alternância entre sair com lágrimas/choro e entrar com júbilo/alegria indica a passagem de um estado de sofrimento para um estado de alegria, expresso no poema pela símile do agricultor que semeia chorando e colhe o fruto do seu trabalho com júbilo.

O Salmo 127 fala sobre o estágio de passagem para a prosperidade. Trata-se da construção da casa e da guarda da cidade. O fato é que o par de palavras “casa/cidade”, raro no Primeiro Testamento, pode ser lido como um indicativo do retorno dos exilados da Babilônia e do projeto de reconstrução dos muros e da cidade de Jerusalém sob Neemias. A menos que o Senhor construa a casa e guarde a cidade, é vão o trabalho dos construtores e o vigiar dos sentinelas (v.1). É inútil (3x neste poema) todo esforço humano sem o comprometimento de Javé com a causa. A construção da casa, na verdade, é a constituição de uma família. Assim delineiam os versos 4 a 5. No fruto do ventre está a herança, a recompensa e a felicidade do homem. O enfrentamento com os inimigos no final do salmo indica que sempre há alguma possibilidade de conflito com eles.

O Salmo 128 fecha a série trazendo aquele que teme ao Senhor para o interior da casa edificada sob o temor de Deus. Há abundância dos frutos da terra como resultado do trabalho laborioso

daquele que anda nos caminhos do Senhor (v.2). A esposa na intimidade e os filhos ao redor da mesa são marcas incontestes de bênçãos (v.3). A felicidade da casa resulta, também, em um bem para a cidade, neste caso, Jerusalém (v. 5). Esse estado de bênção e prosperidade atinge, ainda, a longevidade do orante, que pode ver os filhos dos filhos. A nota final é: “Haja paz sobre Israel!”, idêntico ao final dos Salmos 125 e 122.

Exodus Design

na quarta tríade - Salmos 129, 130 e 131

O esquema do Exodus Design (opressão/livramento-travessia- prosperidade) se reinicia com o Salmo 129. A antífona recitada nos dois primeiros versículos “Muitas vezes me foram hostis desde a minha mocidade, Israel que o diga!” faz referência às condições de opressão e sofrimento, descritos no v. 3 como se as costas dos oprimidos fossem uma terra sobre a qual os lavradores passaram o arado de ferro. A expressão “desde a minha mocidade” refere-se, ao que tudo indica, ao período do nascimento de Israel como coletividade, pois assim parece apontar Oseias 2.15(17), que liga este termo ao período da saída do Egito. Assim também Jeremias 2.2, que usa a palavra em estreita conexão com o tempo no deserto. E ainda Ezequiel 16.60, que faz menção à Aliança de Deus celebrada no período da “mocidade” da nação.

O livramento perpetrado por Javé é cantado logo nos versos 4 e 5. O Senhor é justo, rompe as cordas dos iníquos e envergonha os que odeiam Sião. Novamente, como no Salmo 126, a símile remete o leitor e a leitora ao campo da agricultura, porém, ao contrário do que é dito no Salmo 126, aqui os que ceifam não enchem as mãos, nem os segadores os braços com feixes (v. 7). O fecho do poema contrasta o não abençoar dos que passam com o abençoar dos fiéis (v. 8).

O Salmo 130 parece prolongar o estado de sofrimento do poema anterior. Há, de fato, uma aparente continuidade do estado anterior. Apesar de a canção ser cantada em primeira pessoa do singular, é sabido há muito que é um “eu” coletivo. Assim, o poema pode ser lido como texto da comunidade, como mostra a exortação do salmista no verso 7: “Espere Israel!” A travessia para um estado de prosperidade exige uma reflexão sobre os próprios pecados, causadores, no mais das vezes, de todo tipo de sofrimento. O clamor que vem das profundezas, portanto, diz respeito às iniquidades cometidas, que causam dor. Por isso, recorre-se ao perdão (v. 4), à benevolência e à redenção (v. 7) de Javé. O povo deve ter a mesma esperança, pois o mesmo Senhor remirá Israel de todos os seus erros (v. 8).

O Salmo 131 encerra a série. Aqui o que se apresenta na voz de uma mulher é um estado de serenidade, calma e quietude. O coração da cantora não se tornou ensoberbecido, nem os seus

olhos têm sido altivos, nem há uma busca por coisas grandes e elevadas (v. 1). Estas palavras, ao que tudo indica, podem referir-se aos pecados reconhecidos no salmo anterior. A símile da criança amamentada nos braços da mãe é uma poderosa imagem da confiança que a salmista deposita em Javé (v. 2). O poema termina com uma exortação da poetisa para que Israel espere sempre no Senhor (v. 3).

Exodus Design

na quinta tríade - Salmos 132, 133 e 134

O modelo de pensamento do Exodus Design se repete na última tríade, que tem início com o maior dos poemas dessa coleção, o Salmo 132. Inusitadamente, quem sofre neste poema é Davi. No primeiro verso já se fala de suas “aflições” (humilhações). O que é inusitado aqui é que o sofrimento de Davi é causado pelo “exílio de Deus”, ou seja, a Arca da presença de Javé está longe de Jerusalém e sem lugar de descanso, por isso o grande rei julga necessário construir uma casa (refúgio) para que o Senhor possa habitar (v. 5). Esse seu propósito lhe causa muitos sofrimentos e trabalhos (vv. 3-4) que, na verdade, se revelam inúteis.

Os esforços de Davi são inúteis porque não é ele quem vai edificar uma casa para o Senhor, mas ao contrário, o Senhor é quem edificará uma casa (dinastia) para ele. Javé unguirá um

descendente de Davi e o manterá no trono de seu pai (v. 12). Ele abençoará as suas provisões, fartará os pobres e vestirá os sacerdotes de salvação (v. 15 e 16). Quanto aos inimigos, serão vestidos de vergonha (v. 18). É preciso notar que o salmo se prolonga para um futuro ainda não presente ao tempo da redação. Por isso, muitos o leem como um Salmo Messiânico.

O Salmo 133 celebra uma passagem. Há, no Salmo 132, uma expectativa de construção de uma casa para o Senhor, mas aqui no 133 nada é dito sobre o Templo, ainda que ele possa ser pressuposto. O foco do poema é a habitação comum dos irmãos, a reunião para uma refeição comum em união, que pode prescindir do Templo sem problemas. A símile do orvalho do Hermom descendo sobre os montes de Sião ilustra o fato de que a bênção do Senhor também provém de lá, isto é, do Hermom. Os peregrinos trazem consigo a bênção de Javé e a espalham por Sião.

O Salmo 134 fecha, ao mesmo tempo, a última tríade e a coleção como um todo. O tom desta canção é inteiramente de bênção. Os servos do Senhor devem bendizê-lo e o próprio Senhor abençoa desde Sião. A nota final já se fez ouvir em outros poemas: “Ele quem fez o céu e a terra.”

Um resumo esquemático do que foi apresentado até o momento ajuda a visualizar o padrão do *Exodus Design* proposto:

Tabela 1. Padrão do *Exodus Design*.

EGITO	SALMO 120	SALMO 123	SALMO 126	SALMO 129	SALMO 132
(opressão- livramento)	Clamor	Mostra favor	Restaura	Cortou as cordas	Lembra-te
DESERTO	SALMO 121	SALMO 124	SALMO 127	SALMO 130	SALMO 133
(travessia)	O Senhor socorre	O Senhor ajuda	O Senhor edifica e guarda	O Senhor perdoa	O Senhor abençoa
TERRA PROMETIDA	SALMO 122	SALMO 125	SALMO 128	SALMO 131	SALMO 134
(prosperi- dade)	Alegria	Segurança	Felicidade	Confiança	Bênção

Palavras Finais

O *Exodus Design* (Egito-Deserto-Terra Prometida) serviu para que o *designer* dos chamados Cânticos das Subidas (Salmos 120-134) criasse uma entidade literária bem estruturada. Esse *design*, em seu amplo espectro de significados, em sua extensa abrangência de uso e em sua dilatada aplicação por toda a Bíblia, permitiu ao *designer* tomar poemas individuais, por certo, dispersos aqui e acolá, ajuntá-los em uma unidade literária, formando uma coleção e dar a essa parte do Saltério um novo significado teológico que as canções, por si só, não carregavam.

O *design* dos Cânticos das Subidas indica uma nova perspectiva teológica, não única, mas agora completamente visível e saliente, de uma repetição da intervenção de Javé na libertação de seus amados. Tal concepção salvadora foi ampliada para novas situações de opressão, quer coletivas, quer individuais, com a organização que esses poemas receberam. A amplificação da ação salvífica de Adonai alcançou, como bem o demonstra a variedade dos salmos que compõem a coleção, novas experiências de opressão e libertação que, em todo caso, podem ser vistas a partir de um padrão derivado de um evento fundante e de narrativas elaboradas deste evento chamado Êxodo.

Outra novidade que pode ser vista na utilização do *Exodus Design* nesta coleção de salmos é o caráter instrucional que permeia cada tríade. O *designer*, de forma bastante consciente, captura as situações de opressão, recapitula o *Exodus Design* e transforma os quinze poemas em uma instrução, com toques sapienciais, para situações de crise, afastamento de Deus, confronto com os inimigos e toda sorte de humilhações, mostrando que o orante deve percorrer um caminho de aprendizagem que o leve de volta ao estado de confiança no Senhor. O caminho é permeado de ameaças e perigos, porém, a presença do Senhor é a garantia que a travessia chegará a bom termo que, neste contexto, é um estado de prosperidade.

Muito trabalho ainda precisa ser feito, desde uma acurada análise do vocabulário e dos temas até um estudo de cada salmo

em particular para ampliar e aprofundar os argumentos apresentados aqui e, certamente, acrescentar outros que ajudem a sustentar a abordagem proposta neste texto. Contudo, isso fica como tarefa para outra oportunidade.